

Amazônia Euclidiana

Iza Vanesa Pedroso de Freitas Guimarães *

Resumo

O propósito deste trabalho é analisar o discurso de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, localizando sua narrativa literária no tempo-espaço amazônico, a partir de sua viagem como chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus (1905), atentando para o processo de recriação social da *Belle Époque*, promovido pelas transformações materiais e espirituais no início do século XX na Amazônia.

Palavras chave: narrativa, história e natureza.

Abstract

The purpose of this study is to analyze the discourse of Euclides da Cunha about Amazon, finding his literary narrative in the Amazonian time-space, from his tour as chief of the Joint Committee Brazilian-Peruvian Recognition of Alto Purus (1905), paying attention to the process of rebuilding social Belle Epoque, sponsored by the material and spiritual transformations in the early twentieth century in the Amazon.

Key words: narrative, history e nature.



* **IZA VANESA PEDROSO DE FREITAS GUIMARÃES** é Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA); possui Mestrado em História Social da Amazônia também pela UFPA. Atualmente, é professora substituta no Curso de História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Tem experiência em Ensino Superior, Educação Profissional e Pesquisa em História. Atuando na Área de História da Amazônia com as temáticas: Círculos intelectuais amazônicos, Cultura e Política na Amazônia e História e Natureza.

Em 2009, comemorou-se o Centenário de publicação do ensaio “À Margem da História” que compõe a obra “Um Paraíso Perdido” de Euclides da Cunha. Talvez essa seja a primeira leitura acerca da Amazônia construída sob o rigor científico do século XIX. Obra de importância incontestável para as três grandes ciências que nasciam no período: a Geografia, a História e a Sociologia da Amazônia.



As páginas que seguem reúnem nossos esforços empreendidos no sentido de compreender a Amazônia pela ótica de Euclides da Cunha no perene contexto das transformações materiais e espirituais da *Belle Époque* Amazônica. Sua obra acerca da região foi construída em “pesquisa de campo”; significa dizer que a narrativa euclidiana é resultado do encontro entre o pesquisador e a realidade: sua narrativa captura o palco e o cenário das tramas sociais e os atores em cena.

Euclides da Cunha nasceu em 1861 na província do Rio de Janeiro. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras colaborou na imprensa nacional da época, produzindo artigos e ensaios. Durante a campanha republicana contra Canudos, Euclides da Cunha, como correspondente do Jornal “O Estado de São Paulo”, assistiu o desfecho trágico da luta armada entre nordestinos e as forças governistas. A partir do que viu, escreveu o livro “Os Sertões” (1901),

obra que o colocou na galeria dos mais importantes escritores e intelectuais brasileiros.

Em 1904, foi nomeado pelo estadista Barão do Rio Branco chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, partindo para Manaus em 13 de dezembro do mesmo ano. O objetivo da viagem era fazer um levantamento de dados que contribuísse para

monitorar a demarcação das fronteiras entre o Peru e o Brasil. Mas, seu ímpeto ia além dos interesses governamentais do gabinete de Rio Branco, Euclides da Cunha pretendia a partir de sua viagem à Amazônia escrever um livro denominado em seu projeto de “Um Paraíso Perdido”, obra que reunisse as publicações esparsas de sua autoria sobre a Amazônia, culminando com suas impressões de viagem. Porém, sua morte prematura em 1909 deixou tal obra inacabada.

Euclides da Cunha, através do livro “Um Paraíso Perdido”, cumpriu a missão de revelar a Amazônia à consciência nacional (VENÂNCIO FILHO, 2000, p. 73), mostrando as características mais constantes de sua personalidade cultural: esteta da linguagem, o ensaísta e o humanista.

No contexto em que escreveu tal obra (1904-1909), Euclides da Cunha vivia um momento de inquietação pessoal: novos parâmetros sociais, econômicos, políticos e culturais eram impostos ao

cotidiano das pessoas da época. Como lembra Nicolau Sevcenko (1983, p. 154)¹, Euclides da Cunha não se preocupa em dramatizar o cotidiano, tampouco trabalha com as aberrações patológicas da sociedade de sua época. Ao adotar essa postura literária, ele garantiu a possibilidade de reflexão sócio-histórica sobre a totalidade das experiências humanas em cenários, até então encobertos como o Nordeste e a Amazônia.

Na obra de Euclides da Cunha, as experiências humanas são caricaturadas por imagens poéticas (SEVCENKO, 1983, p. 147). Em “Um Paraíso Perdido”, aparecem o “seringueiro”, o “cauchero”, o “Judas-Asvero” entre outras. Elas não combinam com a modernidade desenhada pelas mudanças ocorridas na *Belle Époque*. Inclusive, essas imagens poéticas são como símbolos do enfrentamento às forças modernas. São obstáculos à civilização do país percebidos pela sensibilidade de Euclides da Cunha no “fenômeno de dissolução social” (SEVCENKO, 1983, p. 147), vinculando sua obra a um profundo desencantamento do mundo, no sentido weberiano do termo. Esse desencantamento reflexo dos paradoxos da modernidade.

Há na obra euclidiana um nítido mal-estar provocado pelos antagonismos percebidos na História da Amazônia quando se pensa as promessas inclusas no bojo do projeto de modernização para essas paragens. Estaria a Amazônia imersa em uma temporalidade histórica situada em uma pré-modernidade? Essa talvez fosse a dúvida mais perturbadora de Euclides da Cunha.

Em sete de setembro de 1904, por exemplo, é comemorada a inauguração

da Avenida Central no Rio de Janeiro e em 15 de novembro de 1905, é reinaugurada (NEEDEL, 1993, p. 60). No entanto, a construção da “Transacriana” esperava por décadas, mesmo sendo talvez a única saída para o isolamento geográfico da região amazônica nas palavras de Euclides da Cunha.

Influenciado pelo liberalismo inglês, Euclides da Cunha acreditava na civilização a partir da evolução proporcionada pelo *industrialismo*. Essa evolução seria atingida através de reformas que conduziriam o país ao seu destino natural (SEVCENKO, 1983, *passim*). Em várias passagens de sua obra, fica latente o seu pessimismo quanto à desvirtuação desse destino natural. Sobre a Amazônia, Euclides da Cunha alimenta ainda mais sua escrita combativa e inconformada com a situação em que viviam os habitantes da região, pois embora desiludido com a instituição política republicana no país, sua crença na ciência e nas forças evolutivas defendidas por Spencer permanecera.

Amazônia: “Terra sem História”

Euclides da Cunha visitou as capitais amazônicas, Manaus e Belém, e percorreu parte do atual Estado do Acre. Elegeu um discurso definidor da Amazônia em que prevalece uma voz de denúncia social incomodada com a realidade de Extra-territorialidade pátria dos sujeitos e de ausência do Estado de Direito na Amazônia.

Observando, atentamente, as condições físicas da região, a teia social estabelecida entre os seus habitantes e a relação que estes estabeleciam com a natureza amazônica, buscou definir a Amazônia. Analisou o sistema de navegação e de drenagem dos rios, buscando entender o povoamento na

¹ Vale ressaltar que essa citação consta na nota nº (1) na página indicada acima.

região como um processo sócio-histórico. Destacou o potencial hídrico e de navegabilidade na região, alertando para o abandono em que se encontrava a Amazônia na época.

“Um Paraíso Perdido” foi também a tentativa em desconstruir mitos acerca da região. Um deles era a crença no clima inóspito, descrito por cronistas e viajantes como determinante inclusive para o caráter perturbador dos homens na região. Euclides da Cunha reconheceu as dificuldades que o estrangeiro tinha em se aclimatar, mas admitiu não ser o clima o grande responsável pela baixa densidade demográfica da região e sim a ausência de uma via de transporte e comunicação por terra, visto que além de perigosa, era muito dispendiosa a navegação pelos rios da região, daí a necessidade de se construir a Transacriana. Além disso, relatara o modo de vida dos brasileiros em área de fronteira (Peru-Brasil); até então, tais sujeitos históricos não existiam nem para a sociedade brasileira nem para o Governo republicano.

Apesar da concepção de Euclides da Cunha acerca da Amazônia ser construída a partir de um olhar tipicamente “alienígena”, no qual a natureza predominante se impõe como soberana sobre seus habitantes. Não obstante, Euclides da Cunha fez do homem amazônico a figura central nas tramas relatadas. No ensaio “Judas-Asvero”, por exemplo, descreve o ritual no sábado de Aleluia da malhação do Judas caricaturado, atentando para o valor simbólico e para a coesão social do ritual, no qual submerge uma “vingança social” dos seringueiros contra eles próprios, isto é, contra sua conformação com a exploração dos seringais.

Em “Um Paraíso Perdido”, Euclides da Cunha tentou imprimir a problemática amazônica ao debate intelectual e político da época. Ainda em viagem, endereçava cartas a seus amigos, intelectuais e políticos, denunciando o abandono em que se encontrava a Amazônia. Escreveu a Afonso Arinos, a Alberto Rangel, Arnaldo Pimenta da Cunha, Artur Lemos, Coelho Neto, Domicio da Gama, Edgard Jordão, Francisco Escobar, José Veríssimo, Machado de Assis, ao seu pai, Manuel Pimenta da Cunha, ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Reinaldo Porchat e Dr. Rodrigo Otávio. Tudo isso para trazer a Amazônia para o debate intelectual.

A natureza hiperbolizada

A natureza é um dos elementos centrais na narrativa de Euclides da Cunha. Ela aparece em seus escritos realistas como a opositora do homem; é ela que dita o significado e o avanço da civilização na Amazônia. O retrato da natureza amazônica é construído por Euclides da Cunha através da observação atenta à flora e fauna, ao clima e aos rios da região.

Segundo Euclides da Cunha (2000, p. 116): “A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza”; a fauna por outro lado é “singular e monstruosa”; o rio “É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra” (CUNHA, 2000, p. 120). Essas são apenas algumas das descrições da paisagem natural que se descortinava diante dos questionamentos íntimos de Euclides da Cunha. Desse modo, a narrativa euclidiana não deve ser inquirida como a narrativa apenas de um paisagista e sim como o olhar de um pesquisador, visto que como afirma Donald Worster (1991, p. 200), comentando a ideia de Roderick Nash, a

paisagem deve ser encarada como um tipo de documento histórico.

Euclides da Cunha parece antever o que Gilmar Arruda (2000, p. 163) afirma em um capítulo de sua obra, *Cidades e Sertões: entre a história e memória*. Segundo Arruda, o estudo do espaço na América Latina e a leitura de suas paisagens acabaram por influenciar na formação de uma identidade e de uma especificidade cultural e histórica das regiões. Nesse sentido, entende-se como identidade a representação do real que cria uma comunidade simbólica de sentido, permitindo tanto a sensação de pertencimento, quanto a construção da noção de alteridade (PESAVENTO, 1999, p. 24).

Euclides da Cunha esperava encontrar na Amazônia, um paraíso intocável e perfeito, porém, deparou-se com um paraíso perdido da civilização, caracterizado por uma natureza imperfeita e instável que lhe saltou aos olhos, como um “gigante adormecido ou recalçado”. Portanto, a ideia euclidiana de natureza parece estar na fronteira móvel e plástica entre a “primeira” e a “segunda natureza” idealizadas por Cícero (*apud*. NAXARA, 2001, p. 27/28): a “primeira natureza” consiste na natureza selvagem e indócil, ela é a dona de si mesma e da História e a “segunda natureza” consiste na natureza já trabalhada pelas mãos do homem, mas ainda não domada completamente.

Percebe-se na obra de Euclides da Cunha, o seu desejo de fazer da natureza amazônica o que Márcia Naxara (2001, p. 27/28) define como “terceira natureza”; representação cunhada ainda no Renascimento que serviu para designar a natureza totalmente domesticada pelo homem e submetida as suas intervenções essencialmente motivadas por valores

estéticos, éticos e morais. Essa é a utopia da obra euclidiana, visto que, a verticalidade, enquanto elemento do discurso civilizador era completamente inexistente na região, sendo, portanto a horizontalidade que dominava a paisagem da Amazônia. Daí entender a Amazônia a partir do binômio “civilização-natureza”.

A concepção euclidiana da Amazônia também está orientada pelas representações da natureza cunhadas no século XIX, isto é, no século dos “homens de ciência”. De acordo com Jacy Seixas e Stella Bresciani (2001, p. 13/14)², a narrativa histórica da segunda metade do século XIX e início do XX passou a sugerir uma ênfase para as representações da natureza que recaem na ideia de “sublime” como elemento definidor.

Na primeira metade do século XIX, na narrativa histórica dos naturalistas Saint-Hilaire, Rugendas, Debret e do recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro as concepções da natureza eram orientadas pelas representações do “belo” e do “pitoresco”. Tais representações sugerem uma natureza em que prevalece a beleza e a harmonia das formas, enquanto que a representação do “sublime” prima por uma natureza rigidamente marcada pelo exagero, pelo excesso, pela grandiosidade, pela maravilha, mas também pelo assombro, pela incapacidade de desvendamento e pela ausência de diálogo entre homem-natureza. A natureza é hiperbolizada e enigmática. É dessa forma que a Amazônia é sentida por Euclides da Cunha.

² Em apresentação à obra de Márcia Naxara (2001), “Cientificismo e sensibilidade romântica – em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX”.

Conferindo à Amazônia "... um drama em que os personagens são os próprios agentes naturais" (SEVCENKO, 1983, p. 131), Euclides da Cunha desperta o país para a trama heróica e complexa que se desenrolava nessa região. Percebendo tal trama em uma perspectiva de conflito "... entre as águas e as terras, a selva e o homem" (Ibid., p. 131), compreendendo a natureza amazônica como cenário e ao mesmo tempo como protagonista no processo de formação da nação brasileira.

Homens da Amazônia

Para Euclides da Cunha, os seringueiros são os verdadeiros conquistadores da Amazônia. Em sua maioria proveniente do Nordeste brasileiro, os seringueiros vinham para trabalhar na Amazônia, em busca de melhores condições de vida. Porém, ao chegar aos seringais eram submetidos à exploração no sistema de aviamento. O princípio norteador da relação estabelecida entre seringueiros e seringalistas era a dívida. Essa relação deu origem a um sistema, que ficou conhecido como "aviamento" (SANTOS, 1980, *passim*). Os seringueiros tinham de adquirir víveres, ferramentas, e produtos de primeira necessidade a valores elevadíssimos e tinham de fornecer a borracha a valores insignificantes. Cada vez mais endividados com o seringalista, só podiam deixar os seringais quando pagassem a sua dívida na totalidade. Portanto, os seringueiros, segundo a definição de Euclides da Cunha, eram sujeitos espoliados e submetidos à violência cabal e simbólica no "paraíso diabólico dos seringais" (CUNHA, 2000, p. 127).

Euclides da Cunha relata as condições extra-legais, às quais estão subjugados os seringueiros na armadilha que lhe preparou "... a mais criminoso

organização do trabalho" (CUNHA, 2000, p. 127). Os seringueiros estavam submetidos a toda sorte de vícios e ruínas³.

Na Amazônia, Euclides da Cunha vê o homem como um condenado ao nomadismo. Nessa região o homem muitas vezes é obrigado a ser errante: "A volubilidade do rio contagia o homem" (CUNHA, 2000, p. 126). Daí a grande importância dos seringueiros, pois eles venceram essa luta com a natureza e tornaram-se sedentários, ao contrário dos caucheros, que permaneceram nômades.

Por perseguirem as condições necessárias para o seu estabelecimento, os seringueiros foram empurrados ao trabalho nos seringais. Quanto aos caucheros, o autor os define como um tipo novo na história: um nômade próprio da região das florestas, seu lugar de labuta, onde negociam ou lutam contra os selvagens, onde superam as doenças e adversidades naturais e ainda conseguem acumular algum dinheiro, para que ao gastá-lo renovem o seu ciclo de trabalho. Para Euclides da Cunha, tanto os seringueiros quanto os caucheros são os habitantes do Éden, os povoadores da região.

Algumas conclusões

"Um Paraíso Perdido" trouxe à superfície o contexto heterogêneo e adverso da *Belle Époque* brasileira. Ao "centro", era garantido o desenvolvimento das novas estruturas e relações sociais que emergiam no processo de efervescência da

³ A preocupação com a disseminação dos vícios nessas paragens é registrada desde o século XVIII por autoridades políticas como Mendonça Furtado em correspondência de 1752 e por autoridades religiosas como o bispo do Grão-Pará Fr. João de São José em 1762 (CUNHA, 2000, p. 124/125).

ornamentação bellepoqueana, enquanto que na “periferia” tais forças eram lentas e quase ineficazes.

Euclides da Cunha, registrando os mais pormenorizados traços das paisagens naturais e humanas, permitiu que a Amazônia fosse vista através de uma escala microscópica, fornecendo subsídios para pensar a História da região integrada à História da nação brasileira a partir de novos conceitos e de novos referenciais. Com isso, elaborou um novo sentido explicativo para o país e para a civilização que nele se desenvolvia, principalmente nas paragens mais longínquas como a Amazônia.

De acordo com Nicolau Sevcenko (1983, p. 139), a concepção das regiões brasileiras na obra de Euclides da Cunha repousa no papel específico de cada região “... decorrendo do seu desempenho conjunto uma solidariedade tácita obtida pela complementaridade das funções parciais”. Euclides da Cunha, ao defender outro papel para a Amazônia⁴, criticou a indiferença com que tal região era tratada até então e é exatamente a partir dessa percepção que a Amazônia foi considerada “terra sem história”, situada “à margem da história”.

Ao relatar as peculiaridades da Amazônia, Euclides da Cunha contribuiu para o processo histórico de consolidação de identidades regionais que se configurou no século XX. Identidades regionais que estavam se desenvolvendo em um processo mais amplo: o da consolidação do ideal de nação brasileira que efervesceu a partir da Proclamação da República, pois eram as populações interioranas “... os

⁴ Que não o papel determinado pelo governo republicano como depósito do excesso populacional pobre de outras regiões.

sedimentos básicos da nação” (CUNHA, 2000, p. 145).

A narrativa euclidiana em estilo tropical⁵ caminha no sentido de pensar a paisagem natural e humana na Amazônia por outro viés, que não o dos conceitos e fatos clássicos, o que Paul Veyne (1982, p. 19) denomina de história não-factual, isto é, a historicidade que envolve os eventos históricos não consagrados. Apesar de um forte apelo evolucionista, a narrativa euclidiana está na contra-mão da história oficial e oficializada. Escreve a História da Amazônia, dando um tratamento especial às formas culturais nas tramas que descreve, debruçando-se sobre a relação entre homem e natureza.

Euclides da Cunha, depois de contemplar os sertões nordestinos, experimentou os “desertos” amazônicos, mas não os confundiu. Seu empreendimento pela Amazônia foi bem sucedido, não somente devido ao levantamento geográfico, hidrográfico e geológico que lhe foi possível fazer, contribuindo para a demarcação das fronteiras peremptórias do país, mas principalmente devido às conclusões que chegara, reescrevendo a própria historiografia produzida até então sobre a Amazônia.

⁵ Segundo Roberto Ventura (1991, p. 39): “Estilo tropical é conceito sincrético, que integra a noção geográfica de trópicos, características de uma relação entre ‘centro’ e ‘periferia’, a uma teoria da literatura nacional. Essa teoria inverte o modelo climático, ao valorizar a imaginação e tornar possível a construção de sociedade e cultura em espaços marginais ao modelo eurocêntrico de natureza e história”.

Referências

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre a história e memória. Bauru: Edusc, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Um Paraíso Perdido**: ensaios amazônicos. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

_____. (2005) À Margem da História. Disponível em <http://www.literaturabrasileria.ufsc.br>. Acesso em 15.04.2010.

NAXARA, Márcia. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. 1ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

NEEDEL, Jeffrey D. Rio de Janeiro: Capital do século XIX brasileiro. In: _____. **Belle Époque tropical**: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 19-73.

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1999.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SEVCENKO, Nicolau. Euclides da Cunha e o Círculo dos Sábios. In: _____. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 130-160.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Retrato humano de Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides. **Um Paraíso Perdido**: ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000, p. 61-83.

VENTURA, Roberto. Civilização nos trópicos. In: _____. **Estilo Tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 17-43.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 1998.

WORSTER, Donald. Para fazer a história ambiental. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.